

Xavante

b. giaccaria

a. heide

reserva de brasilidade



BARTOLOMEU GIACCARIA
ADALBERTO HEIDE

XAVANTE

RESERVA DE BRASILIDADE

EDITORIAL DOM BOSCO

SÃO PAULO

1975

O NOME

Xavante é o nome que os portugueses deram aos componentes de uma tribo que ocupava, nos fins do século XVI, o norte de Goiás. Não se conhece a origem de tal nome, tão diferente daquele com o qual a tribo se auto-denomina: AUWÊ, que significa: "pessoa, gente".

Os Xavante, intimamente aparentados com os Xerente, pertencem à grande família linguística "Jê".

UM POVO — UMA TERRA

Os Xavante viviam entre os rios Araguaia e Tocantins. Eram um povo numeroso, forte, bravo.

Preocupado com esses indígenas, o governo de Portugal organizou sucessivas expedições militares que conseguiram pacificá-los e fixá-los em aldeias "protegidas por uma guarnição militar". Sua primeira pacificação ocorreu nos anos entre 1784 e 1788 e foi realizada por Tristão da Cunha.

Nos aldeamentos, enfraqueceram-se sempre mais, até que um grupo de sobreviventes decidiu abandonar o "mundo dos civilizados". Com grandes dificuldades, atravessaram o rio Araguaia e o rio das Mortes e ocuparam a serra do Roncador, na parte norte-oriental do Planalto Central Brasileiro.

A partir de então, até 1946, recusaram qualquer contato com os brancos, defendendo com coragem o território ocupado. Prova disso foi a morte de dois padres salesianos e a de um grupo de funcionários do SPI (hoje FUNAI), que atravessaram o rio das Mortes, a fim de estabelecer um contato pacífico com a tribo.

Atualmente, existem oito aldeias Xavante, distribuídas pelo Estado de Mato Grosso: S. Domingos, Areões, Couto Magalhães, S. Marcos, Sangradouro, rio das Mortes, Batovi e Paraíso, com uma população global de três mil pessoas.

A ALIMENTAÇÃO

Os Xavante vivem da terra. Inicialmente, sua alimentação era garantida pela produção de uma agricultura rudimen-

tar, completada por produtos de caça e pesca. Eles conheciam o milho, a mandioca, duas espécies de feijão, vários tipos de abóbora, alguns de batatas (cará). Além disso, recolhiam frutas, raízes, tubérculos e cocos selvagens.

A mulher era encarregada das atividades agrícolas, mas atualmente o homem também participa ativamente delas, por causa da maior variedade de plantas cultivadas e pela maior importância que a alimentação assumiu no grupo. Assim, a atividade do homem, que antes se resumia na caça e, secundariamente, na pesca (usando arco, flecha e um bastão especial), amplia-se devido às novas exigências do meio.

Ainda hoje, apesar de prejudicada pela destruição das florestas (visando a estender, sobretudo, a criação de gado), a caça é uma atividade de grande destaque entre os Xavante.

A ALDEIA

A aldeia xavante original tem a forma de uma ferradura, com a abertura voltada para um rio, que sempre está nas proximidades. No meio dela existe uma praça — local de reuniões dos homens. Aí também são tomadas as grandes decisões pelo “Conselho dos Anciãos”.

A casa xavante tem forma circular e é habitada por duas ou três famílias. Uma estrutura de paus e bambus sustenta o teto de folhas de indaia, que desce até o solo.

A FAMÍLIA

A casa é o reino absoluto da mulher. É ela quem providencia a construção do lar: quem prepara e distribui os produtos obtidos na caça e é a ela que pertencem os produtos da lavoura. Dentro de casa, o homem tem importância secundária. Ele permanece quase sempre fora dela, no pátio, ou participando das caçadas.

Os Xavante estão divididos em oito grupos etários. Cada grupo é constituído pelos que nasceram num mesmo período, aproximadamente de cinco anos. A idade é determinada por classes: criança, menino, rapaz, adulto, ancião e velho.

Digno de nota é o fato de que não são promovidos indivíduos isolados, mas o grupo todo. A passagem de uma classe à outra é celebrada com ritos especiais, com cantos e danças.

Reveste-se de grande importância a época em que o Xavante deixa a meninice para entrar na adolescência, quando

os rapazes abandonam seus lares e vão habitar na casa dos celibatários. Nessa fase, há a perfuração da orelha, precedida por prolongados banhos nos rios, por caçadas, trocas de presentes, corridas, encenações dramáticas de algumas lendas referentes à origem e ao significado da função. É nessa ocasião que as noivas são apresentadas, oficialmente, aos respectivos noivos e a todos os membros da tribo.

A EDUCAÇÃO

Nos valores educativos Xavante, dá-se ênfase especial à superação do cansaço, da dor e do medo. Muitas lendas refletem essa aspiração fundamental. Nelas, os anciãos se esforçam por transmitir aos jovens a seguinte noção: "Sede fortes e corajosos e aumentai a tribo".

Desde pequenas, as crianças lutam entre si. No OYO, dois adversários se confrontam armados com duas raízes. Sairá vencedor quem resistir mais à dor.

Quando os meninos crescem, antes de serem iniciados nos segredos da tribo, são submetidos a duras provas, como jejuns prolongados, imersões na água dos rios, corridas forçadas, etc.

A educação dos filhos não é de responsabilidade exclusiva dos pais.

Tanto o menino quanto a menina, em seus primeiros anos de vida, têm na figura materna a responsável mais direta por sua educação. Em relação às meninas, as avós também assumem o mesmo papel.

No decorrer do tempo, a situação se transforma: para os meninos surgem os "padrinhos" — um grupo de rapazes que os antecedem de duas gerações e que participam, ativamente, de sua formação. As madrinhas, na educação das meninas, não desempenham papel de grande relevância.

O NOIVADO

A escolha dos noivos é regulamentada por leis muito severas que evitam, totalmente, o matrimônio entre parentes próximos. A aplicação dessas leis é reservada aos pais que, naturalmente, procuram ouvir os interessados. Antigamente, era frequente entre os Xavante a poligamia: se houvesse, numa família, diversas filhas, o jovem que desposasse a mais velha podia ficar com as demais.

Como já dissemos anteriormente, na época da perfuração da orelha, as noivas são apresentadas oficialmente aos seus noivos e a todos os membros da tribo, iniciando, assim, o "casamento", que se efetuará, individualmente, no tempo devido, com a realização da caçada e da cerimônia do ADABA.

Na caçada, o noivo é auxiliado por seus familiares. O produto nela obtido é ofertado aos pais da noiva, que o distribuem posteriormente, à aldeia.

Na cerimônia do ADABA, a noiva ajoelha-se à frente de sua casa, sobre o RENAMRI (esteira), e aguarda uma de suas companheiras, que dela se aproxima, a fim de lhe tirar os colares do pescoço. Após isso, ela levanta-se e regressa à casa, dando início à vida de casada.

AS FESTAS

Os Xavante são alegres. Várias de suas festas e competições realizadas durante o ano extravasam essa alegria. Uma competição sensacional é a "corrida do buriti". Nela, os Xavante se dividem em dois grupos, cada um com pinturas e enfeites próprios e com a incumbência de transportar, nos ombros, em revezamentos sucessivos, um pedaço de buriti (pesando aproximadamente oitenta quilos), num percurso de mais de seis quilômetros. É considerado vencedor o grupo que permanecer por mais tempo à frente. Deste modo, nem sempre ganhará a corrida a equipe que atingir primeiramente a meta final.

Nas festas Xavante, o homem, de um modo geral, desempenha papel muito mais ativo que a mulher.

Não faltam, porém, festas em que a presença feminina tem maior atuação. É o caso da cerimônia da "imposição do nome", bastante longa e complexa. Nela, encenam-se várias lendas, tendo como protagonistas as mulheres, que relembram grandes feitos por elas realizados, como, por exemplo, a descoberta do milho e a do feijão. Dramatizam também aventuras vividas: é o caso do sequestro que as mulheres sofreram pelos "maus espíritos", que habitam nos lagos.

É interessante também, na festa da "imposição do nome", ouvir os homens imitando a voz de vários animais, como a onça pintada, a parda, o lobo guará e o jaburu.

Além destas, existem muitas outras festas. Todas revelam o espírito religioso da gente Xavante. Também têm a

finalidade de “tornar o tempo bonito” — ROWÊDA — como os próprios Xavante explicam.

Realmente, a vida torna-se bela quando contemplamos os Xavante nos dias de festa. Com os corpos brilhantes pelas pinturas vivas e bem executadas, os Xavante transmitem-nos, ao ritmo de suas danças, de seus cantos e de tão variados ritos, a energia vibrante de um povo repleto de vida.

AS CRENÇAS E LENDAS

Todas as crenças e cerimônias Xavante são orientadas por uma idéia central: o culto à vida, à fecundidade. Os Xavante acreditam na existência de espíritos bons — os DAÑIMITE — que concedem a fecundidade, aumentando assim os componentes da tribo; e de espíritos maus — os TSIMIHÖPARI — que, com o intuito de dizimá-los, provocam doenças e mortes.

A festa de WAY'A é a representação viva desta crença. Entre cantos e danças, é encenada a luta entre os espíritos maus e os espíritos bons, com a vitória final dos espíritos bons e a ereção de túmulos simbólicos para os maus espíritos. Depois desta festa, renasce a esperança, ou melhor, a certeza de que o grupo não se extinguirá, tornando-se sempre mais forte.

Ritual similar ao WAY'A é a cerimônia à qual o Xavante recorre a fim de salvar um companheiro gravemente enfermo. Durante uma noite inteira, os homens reunidos cantam e dançam. Alguns, com o corpo pintado de preto, representam os espíritos maus que tentam assustar o doente. São derrotados, porém, pelos espíritos bons e, como no WAY'A são simbolicamente enterrados.

As lendas Xavante são inúmeras e o sentido de vida nelas contido é bastante significativo. Percebe-se, no seu conteúdo, o valor que os Xavante dão à força e à coragem.

As lendas são também uma tentativa de explicação de vários fatores ou fenômenos naturais que acontecem na vida dos Xavante. Merecem destaque as lendas que fazem referência a determinados alimentos que aos poucos foram incorporados na dieta da tribo. Segundo a crença Xavante, de início, seu regime alimentar era constituído de troncos em decomposição e de raízes. Mas as mulheres, levadas por grande curiosidade, encontraram nas matas os periquitos, que possuíam o “milho branco”. Conseguiram apoderar-se

desse milho, levando-o à tribo para ser cultivado. Foram também as mulheres que obtiveram um tipo de milho rajado e uma espécie de feijão, muito apreciado pelos Xavante. Para isso, enfrentaram os "espíritos maus" em suas próprias casas, afugentando-os com grande bravura.

Grande destaque tem na mitologia Xavante a figura de dois rapazes que, através de suas palavras, fizeram surgir vários tipos de frutas, que foram consumidos pelos componentes da tribo. Eles, porém, em determinado momento, começaram a utilizar os seus poderes com fins negativos: brincavam, assustando maldosamente os seus companheiros. Em consequência disto, foram mortos pelos colegas. No local onde este fato ocorreu, sobre o sangue derramado, nasceram duas árvores, de cujos galhos os Xavante tiram a madeira para confeccionar os pauzinhos que colocam nas orelhas e que lhes proporcionam grandes poderes: servem para afugentar as onças, bem como lhes trazem sonhos de bons agouros.

O "Rapaz e a Estrela" é uma lenda Xavante que nos fala de um jovem o qual, certa noite, se admirou profundamente pela beleza de uma estrela. (Para os Xavante as estrelas são olhos de pessoas que nos contemplam). Essa estrela, depois que o Xavante adormeceu, desceu à terra, em forma de mulher, indo ao seu encontro. Entre os dois surgiu um grande amor. Sentados sobre uma palmeira, que tinha o poder de crescer, foram até o céu. Depois disto, o rapaz não pôde resistir à idéia de ali permanecer para sempre. Voltou à terra, comunicou aos familiares o seu desejo e retornou ao céu, unindo-se para sempre à sua nova companheira.

A lenda dos "Urubus e o Doente" conta-nos de um caçador que foi abandonado, na mata, por seus amigos, por estar com o corpo repleto de furúnculos. Os urubus vieram ao seu encontro, levaram-no até o céu e, aí, o curaram. Quando ele retornou à terra, trouxe consigo batatas, que serviram como nova fonte de alimentação para a tribo.

A ECONOMIA

O princípio fundamental da economia Xavante é a distribuição e troca de bens. Nela se manifesta a preocupação fundamental dos membros da tribo: a igual repartição ou divisão dos bens entre a família e o grupo. Garante-se, com

um sistema de dar-e-receber ciclicamente organizado, a sobrevivência da tribo.

A TECNOLOGIA

As habilidades técnicas dos Xavante se explicitam, principalmente, na transformação da madeira em objetos de utilidade imediata como o arco, a flecha, o pião, etc. Na confecção destes objetos, usa-se o formão ou o formão e o fogo.

O formão usado hoje é o mesmo que dois séculos atrás: uma lâmina metálica cravada em um cabo de madeira. Para extrair a lâmina de um pedaço de ferro, o Xavante usa uma lasca de pedra (sílex) que é friccionada no ferro até cortá-lo. Depois de retirada, a lâmina é afiada com uma pedra arenária finíssima.

A INTEGRAÇÃO

Os Xavante têm orgulho de seus usos e costumes, cultivando-os com grande carinho. Assim conservam o melhor de sua cultura. Esse fato não os impede de se integrarem à comunidade nacional, onde também podem adquirir recursos que vão ao encontro de suas novas necessidades.

A maioria das crianças e jovens é alfabetizada. Alguns já exercem a atividade de professor para educar as crianças da tribo.

Na agricultura, os jovens dominam várias técnicas de cultivo de solo, melhorando a capacidade produtiva. É interessante vê-los, com seus cabelos longos, manejando com destreza o trator, equiparando-se aos melhores tratoristas da região.

Agora eles esperam muito de nós: não a curiosidade passageira que experimentamos ao contemplar um tipo de vida diferente da nossa; mas eles esperam poder partilhar conosco a mesma identidade de seres humanos, a nós semelhantes em tantos pontos, na vivência do que a vida nos oferece de mais profundo e de mais humano: a alegria e a tristeza, o pranto e o riso, o sucesso e o fracasso, a luta e a esperança; a busca nunca acabada pelo sentido pleno da vida e da própria morte.

Será nossa resposta a de um amigo, de um irmão?

Nesse caso, faremos jus ao sorriso franco e generoso dos Xavante, acompanhado de um carinhoso TSAWIDI! (Amigo!)



Jerônimo controlando os enfeites.



"Os danos das águas" mergulharam rápido.





..... e a moça se transformou em gavião.

◀ Guardaram parte do milho para plantar.





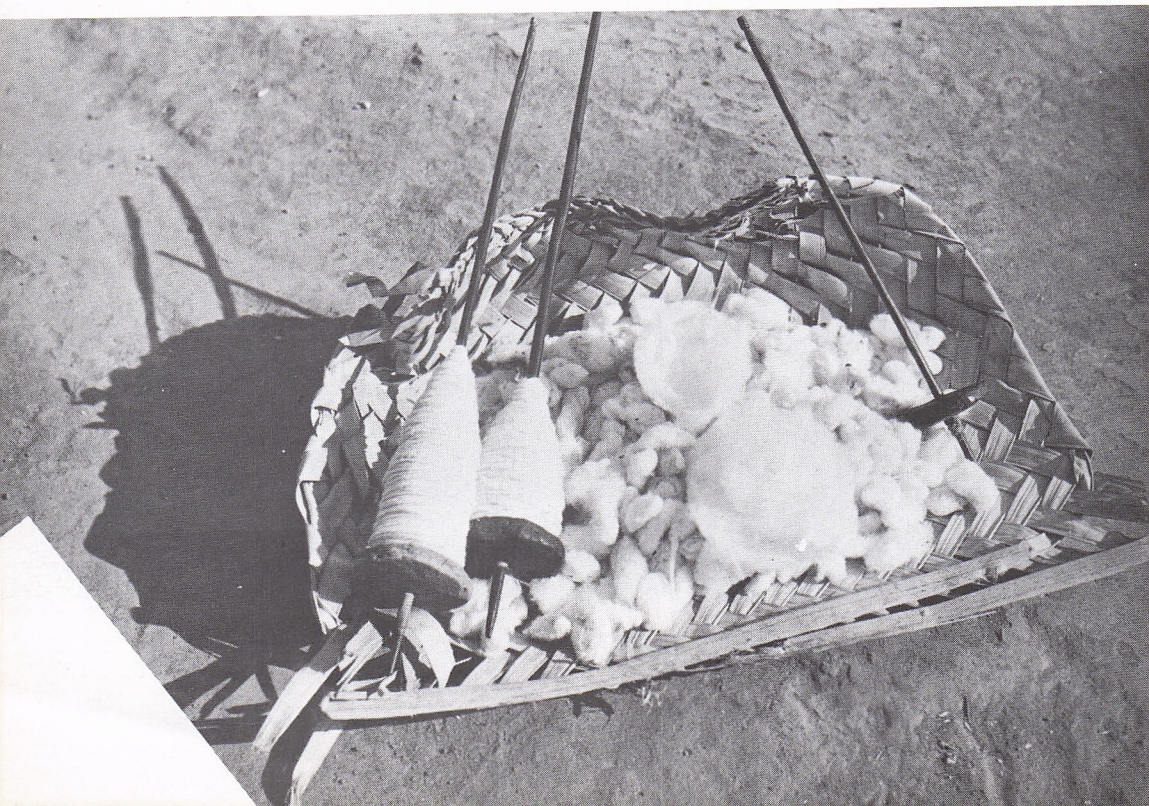
WARÃ, onça, preta.

◀ A menina obediente dá banho no irmãozinho e leva água para a mãe.



Matando a sede.

Algodão pronto para ser fiado.





.... e a mulher se transformou em tamanduá.

Mandioca ralada pronta para ser peneirada.

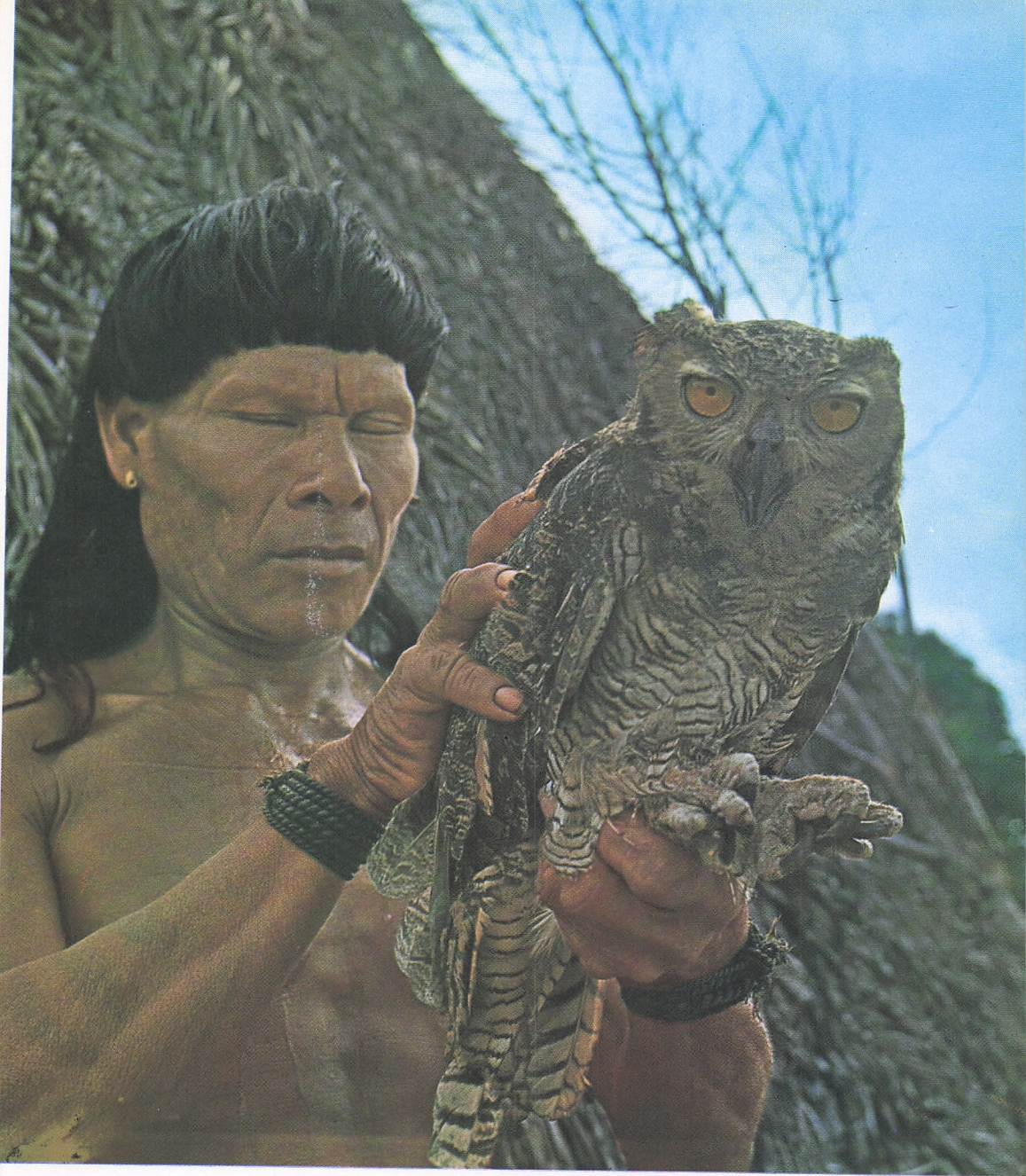




Os dois WAPTÊ criaram toda qualidade de alimento.

Mandioca e feijão secando-se ao sol.





A coruja foi o primeiro ser a morrer sobre a terra.



Sobe-se na pedra para tirar filhotes de arara.





Mergulhando na água da cachoeira cresceram os cabelos dos Xavantes

A estrela desceu enfeitada como a noiva. ➔





Os meninos descidiram transformar-se em papagaios.

"Os donos das águas" puxam as crianças desobedientes para o fundo do rio. ➔

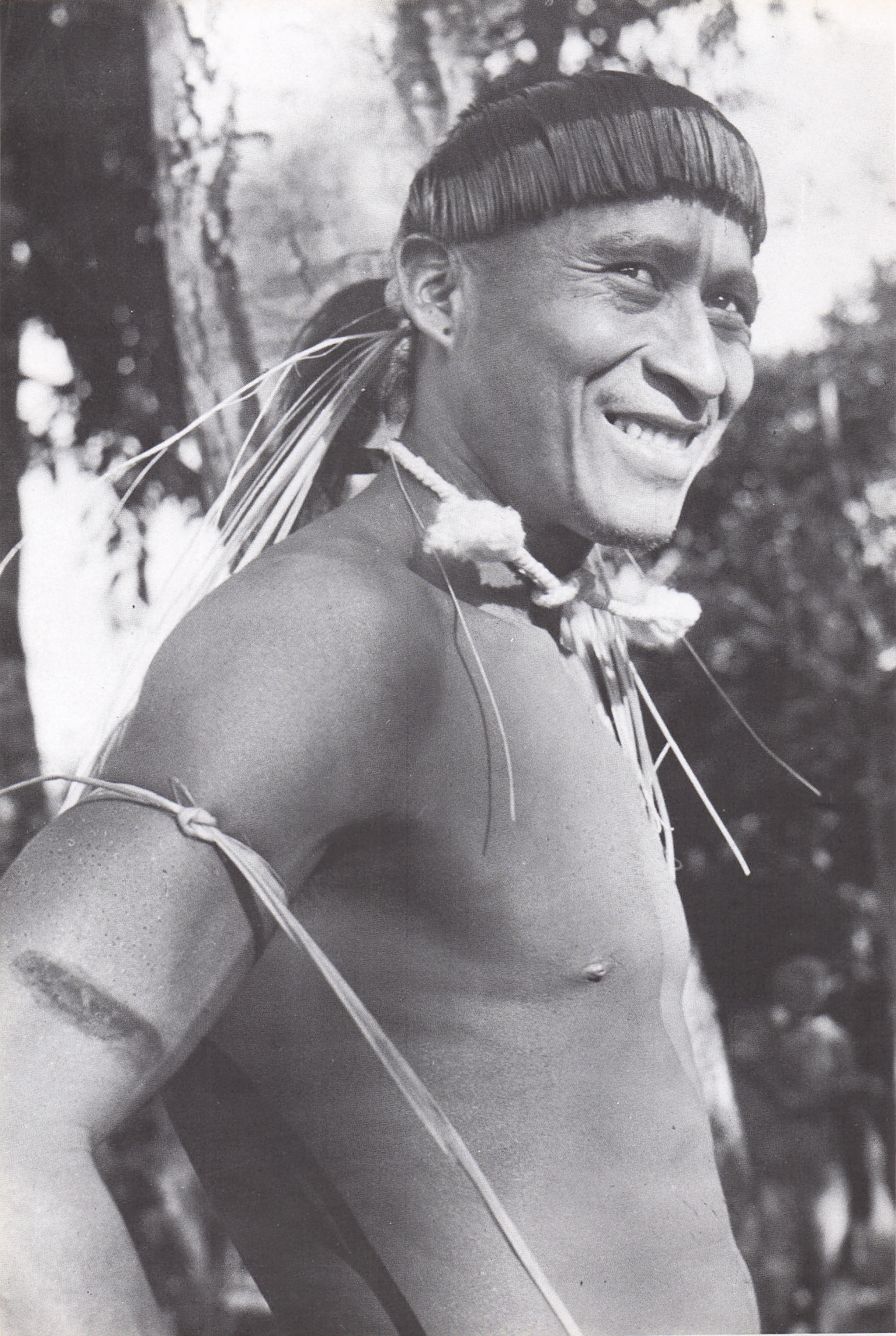




Os periquitos eram os donos do milho.



Xavante tecendo o cinto.





Criança dormindo na esteira.



Caças preferidas: mocila e veado.

Mulher enfeitada para a festa na qual vai receber o nome. ➡

Filhote de tamanduá.







Depois da corrida.





Pinta-se a mulher com suco de genipapo.

← Cesto de carne que o noivo oferece à mãe da noiva.



Criança brincando com casca do fruto de urucu.



Tocando Maracá na festa do WAY'A.



Os gaviões servem também de brinquedo para as crianças.

Crianças brincando com cabaças cheias de água. ➔





Colhendo genipapo.

Tirando a maçaroca do milho. ➔





Os "espião" pronto para partir.





Preparação ao WAY'A.

- B. GIACCARIA — A. HEIDE, Xavante (Auwẽ Uptabi: Povo Autêntico)
- B. GIACCARIA — A. HEIDE, Jerônimo Xavante Conta (mitos e lendas)
- B. GIACCARIA — A. HEIDE, Jerônimo Xavante Sonha (contos e sonhos).